

AMOR DE DOM PERLIMPLÍN COM BELISA EM SEU JARDIM (Federico García Lorca)

Tradução e prólogo de Sanmi Guimarães de Souza e Andrea Cristiane Kahmann. Revisão de tradução: Daniel Antonio de Sousa Alves.

Quando ficou evidente que estalaria uma guerra civil na Espanha de 1936, Federico García Lorca fez as malas apressadamente e viajou a Granada, sua terra natal. Diz-se que, nesta última viagem, teria levado consigo *A casa de Bernarda Alba*, comumente apontada como sua obra mais crua, a mais realista, aquela da qual se vangloriava aos amigos dizendo: não tem nada de poesia! E tampouco haveria homens no palco; todas as personagens eram mulheres. Esta seria a última, mas não a primeira ousadia de Lorca. Em *Poema do “Cante Jondo”* (1921), ele já havia polvilhado a poesia telúrica com surrealismo e denúncias como as de *Cena do Tenente Coronel da Guarda Civil* e *Canção do gitano espancado*, apregoando versos como os que citamos na tradução de William Angel de Mello: “Ai, mandante dos civis / que estás em cima, em tua sala! / Não haverá lenços de seda / para limpar-me a cara!” (GARCÍA LORCA, 2012, p. 233). Em *Poeta em Nova York* (1929 — 1930), escrito durante a sua estada na Universidade de Columbia, Lorca retrataria uma América materialista, racista e violenta. Em *Ode ao rei de Harlem*: “Não há angústia comparável a teus olhos oprimidos, / a teu sangue estremecido dentro do eclipse escuro, / a tua violência rubra surda-muda na penumbra, / a teu grande rei prisioneiro com um traje de porteiro!” (GARCÍA LORCA, 2012, p. 427). E não bastasse enfeitar de poesia os excluídos, também a morte e a repressão sexual seriam seus grandes temas, ornados por plantas coloridas e aromáticas, típicas dos jardins mouriscos, e por laranjeiras que delimitam os caminhos andaluzes com sua succulenta sensualidade. Mas o poeta não previra que Granada, sua musa, fizesse as vezes da casada infiel que ele havia tantas vezes cantado. Federico García Lorca foi traído e detido no dia 16 de agosto de 1936, às cinco horas da tarde, sina que evoca o verso repetido em *A captura e a morte* (de Pranto por Ignacio Sánchez Mejías, de 1935). Provavelmente em Viznar, nos entornos de Granada, o verde, a prata e a morte, símbolos lorquianos, foram vilipendiados pelas insígnias fascistas. Mas de algum lugar, talvez de um barranco onde possam estar entre mil a três mil mortos da Guerra Civil Espanhola (1936 — 1939), o poeta insepulto siga sonhando dramas sem homens e sem poesia ou indagando a este mundo torpe o que se fez com seu legado.

A peça que ora se apresenta em tradução, *Amor de Dom Perlimplín com Belisa em seu jardim*, é de 1925, escrita em seguida de *Mariana Pineda*, pouco depois da viagem de Lorca a Cadaqués e Figueres em companhia de Salvador Dalí. Não é de estranhar, portanto, o surrealismo que escorre das falas desse triângulo amoroso composto por Marcolfa, Perlimplín e Belisa. Os grandes temas lorquianos aqui estão: a prata que fere, a lua que intui, o verde das paredes e das vestes sugerindo a morte que ronda o tempo todo, a casada infiel,

o desejo como castigo, o amor impossível da criada que, ao invés da menta, usa o tomilho, símbolo de luto, para perfumar o quarto do senhor na noite de núpcias. E há tanta sensualidade que a ditadura de Primo de Rivera a censurou; só em abril de 1933 é que o amor de Perlimplín por Belisa pôde ser encenado. Nesse então, Lorca já era dramaturgo renomado, seu grupo teatral *La Barraca* era bastante conhecido e *Bodas de sangue* alcançara o êxito. Talvez por isso, Belisa, essa personagem tão disposta aos jogos de sedução (como era sua homônima antecessora, a Belisa de Lope de Vega) e os amores desencontrados desta peça tenham parecido menores ante os dramas da *Trilogia da Terra Espanhola* que começava a se formar. Ou talvez as críticas que se possam entrever nesta obra (o casamento por interesse, os valores conservadores representados pela Mãe de atavios e maneirismos ridículos, o amor leal obstaculizado pela segregação entre os que servem e são servidos e as hierarquias sutilmente marcadas pelas formas de tratamentos e níveis de formalidades dos diálogos) já não fossem tão sedutores naquela Espanha que por tão pouco tempo e com tanta euforia foi republicana (de 1931 a 1939, convivendo com a guerra civil desde 1936).

A questão é que esta peça magnífica acabou por ocupar lugar secundário quando se menciona o Lorca dramaturgo, e resgatá-la, trazê-la à fruição do leitor brasileiro contemporâneo é a primeira missão deste trabalho tradutório. Para tanto, o texto traduzido permitiu-se flertar, como fazia o próprio Lorca, com a música popular; onde se ouvia um flamenco, no entanto, o leitor atento quiçá perceba um quê de Fagner ou de Tim Maia. Quanto ao mais, foram conservados os nomes próprios (sem sequer ceder à tentação de grafar com “m” o final do nome de Perlimplín) e a pontuação e os grifos nas rubricas tal qual constam no texto disponível no portal Centro Cervantes Virtual que, para todos os efeitos, foi considerado fonte desta tradução. Remetendo à discussão de Bassnett (2003, p. 190), de que a tradução de textos dramáticos pode ter como fim um texto-alvo para leitura ou um texto-alvo para montagem, a tradução aqui apresentada pode ser entendida como uma obra puramente literária, feita para a leitura, assim como o era o texto-fonte. Quem a deseje levar ao palco (e espera-se que isso ocorra) precisará complementá-la e suprir com atuação aquilo que as tradutoras e o revisor deste trabalho, sem jamais haver testemunhado esta peça em cartaz, construíram apenas na imaginação.

Amor de Dom Perlimplín com Belisa em seu jardim

O drama *Amor de Don Perlimplín con Belisa en su jardín*, considerado fonte para esta tradução, está disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/portales/federico_garcia_lorca/obra-visor/amor-de-don-perlimplin-con-Belisa-en-su-jardin-775100/html/> Acesso em: 10 nov. 2017.

PERSONAGENS:

DOM PERLIMPLÍN,

BELISA,

MARCOLFA,

MÃE DA BELISA,

DUENDE 1,

DUENDE 2.

(Casa de Dom Perlimplín. Paredes verdes, com cadeiras e mobília pintadas de preto. Ao fundo, uma varanda de onde se vê a sacada de Belisa. Sonata.)

Perlimplín, casaca verde e peruca branca cheia de cachos; Marcolfa, a criada, com o tradicional uniforme listrado.

Perlimplín — Sim?

Marcolfa — Sim.

Perlimplín — Mas porque sim?

Marcolfa — Porque sim.

Perlimplín — E se eu te dissesse que não?

Marcolfa — (Áspera) Que não?

Perlimplín — Não.

Marcolfa — Diga o porquê do não, meu senhor.

Perlimplín — Diz tu, doméstica perseverante, as causas desse sim.

(Pausa.)

Marcolfa — Vinte mais vinte são quarenta...

Perlimplín — (Escutando) Continua.

Marcolfa — Com mais dez, cinquenta.

Perlimplín — Certo.

Marcolfa — Com cinquenta anos, já não se é um menino.

Perlimplín — Claro!

Marcolfa — E eu posso morrer de um momento a outro.

Perlimplín — Caramba!

Marcolfa — (Chorando) E o que será do senhor sozinho neste mundo?

Perlimplín — O que seria?

Marcolfa — Por isso tem de se casar.

Perlimplín — (Distraído) Sim?

Marcolfa — (Enérgica) Sim.

Perlimplín — (Angustiado) Mas, Marcolfa... Porque sim? Quando eu era menino, uma mulher estrangulou seu esposo. Ele era sapateiro. Nunca esqueci. Sempre pensei em não me casar. Eu, com os meus livros, tenho o suficiente. Do que me serviria?

Marcolfa — O casamento tem grandes encantos, meu senhor. Não é o que se vê por fora. Está cheio de coisas ocultas, coisas que não ficariam bem se ditas por uma criada... Como vê...

Perlimplín — O quê?

Marcolfa — Fiquei vermelha.

(Pausa. Ouve-se um piano.)

Uma voz — (De dentro, cantando)

Amor, amor.

Em meu límpido aquário,

nada como um peixe ao sol.

A água morna entre os juncos,

amor.

Galo, que leva a noite!

Não, não vá embora.⁵³

Marcolfa — O senhor verá que tenho razão.

Perlimplín — (Coçando a cabeça) Canta muito bem.

Marcolfa — Essa é a sua mulher, meu senhor: a branca Belisa.

Perlimplín — Belisa... Mas não seria melhor...

Marcolfa — Não... Venha agora mesmo. (Toma-o pela mão e aproxima-se da sacada.) Chame a Belisa, senhor.

Perlimplín — Belisa...

Marcolfa — Mais alto.

Perlimplín — Belisa!

(A janela da sacada da frente se abre, e aparece Belisa, seminua, de beleza resplandecente.)

Belisa — Quem é?

(Marcolfa, escondendo-se atrás da cortina da varanda.)

Marcolfa — Responde.

Perlimplín — (Tremendo) Era eu quem estava chamando.

⁵³ N. das T. Optou-se por recriar a canção estabelecendo diálogos com a música popular brasileira, conforme apresentado no prólogo.

Belisa — Sim?

Perlimplín — Sim.

Belisa — Mas... por que sim?

Perlimplín — Porque sim.

Belisa — E se eu te dissesse que não?

Perlimplín — Eu lamentaria... Porque... decidimos que eu quero me casar.

Belisa — (Ri) Com quem?

Perlimplín — Contigo...

Belisa — (Séria) Mas... (Gritando) Mamãe, mamãe, mamãezinha!

Marcolfa — Isso está indo bem.

(Entra a Mãe com uma grande peruca ao estilo do século XVIII, cheia de pássaros, fitas e atavios)

Belisa — Dom Perlimplín quer-se casar comigo. O que faço?

Mãe — Muito boa tarde, encantador vizinho meu. Sempre disse à minha pobre filha que o senhor tem a graça e os modos daquela grande mulher que foi sua mãe, a qual nunca tive o prazer de conhecer.

Perlimplín — Obrigado!

Marcolfa — (Furiosa, atrás da cortina) Decidi que vamos...

Perlimplín — Decidimos que vamos...

Mãe — Contrair matrimônio, não é isso?

Perlimplín — Isso mesmo.

Belisa — Mas, mamãe... E eu?

Mãe — Tu estás de acordo, naturalmente. Dom Perlimplín é um encantador marido.

Perlimplín — Espero ser, minha senhora.

Marcolfa — (Chamando Dom Perlimplín) Isso está quase terminando...

Perlimplín — Será?

(Falam.)

Mãe — (Para Belisa) Dom Perlimplín tem muitas terras; nas terras, há muitos gansos e ovelhas. As ovelhas são levadas para o mercado. No mercado, dão dinheiro por elas. O dinheiro dá beleza... E a beleza é cobiçada pelos homens.

Perlimplín — Então...

Mãe — Emocionadíssima... Belisa, vai para dentro... não fica bem que uma donzela escute certas conversas.

Belisa — Até logo. (Sai.)

Mãe — Ela é uma açucena. Veja o senhor o seu rosto. (Baixando a voz) Pois, se a visse por dentro... Parece feita de açúcar... Mas, perdão... Não falarei dessas coisas a uma pessoa tão moderna e competentíssima como o senhor.

Perlimplín — Sim?

Mãe — Sim... e disse-o sem ironia.

Perlimplín — Não sei como lhe expressar nosso agradecimento.

Mãe — Oh! “Nosso agradecimento”... Que delicadeza extraordinária! O agradecimento do senhor e o do seu coração... Eu entendi, apesar de fazer vinte anos que não falo com um cavalheiro.

Marcolfa — (À parte) A cerimônia.

Perlimplín — A cerimônia...

Mãe — Quando o senhor quiser... ainda que... (Tira um lençinho e chora) qualquer mãe... até logo... (Sai.)

Marcolfa — Finalmente!

Perlimplín — Ai, Marcolfa, Marcolfa! Em que mundo me foste meter?

Marcolfa — No mundo dos casados.

Perlimplín — Para dizer a verdade, estou sentindo sede... Por que não me trazes água?

(Marcolfa se aproxima dele e lhe dá um recado ao ouvido.)

— Quem diria?

(Ouve-se o piano. O teatro fica na penumbra. Belisa descerra as cortinas de sua sacada, está quase nua, cantando languidamente.)

Belisa —

Amor, amor!

Em meu límpido aquário,
nada como um peixe ao sol.

Marcolfa — Que linda donzela!

Perlimplín — Parece feita de açúcar... Branca por dentro. Será capaz de me estrangular?

Marcolfa — A mulher é fraca se for assustada a tempo.

Belisa —

Amor...

Galo, que leva a noite!

Não, não vá embora.

Perlimplín — O que ela disse, Marcolfa? O que disse?

(Marcolfa ri.)

e o que é isto que está acontecendo comigo? O que é isso?

(O piano segue tocando. Pela sacada, passa uma revoada de pássaros de papel preto.)

(Mutação.)

Quadro I

Sala de Perlimplín. No centro, há uma cama com dossel e penachos de plumas. Nas paredes, há seis portas. A primeira, à direita, serve de entrada e saída para Perlimplín. É a noite de núpcias.

(Marcolfa, com um candelabro na mão, na primeira porta, à esquerda.)

Marcolfa — Boa noite.

Voz de Belisa — (De dentro) Tchau, Marcolfa.

(Entra Perlimplín, magnificamente vestido.)

Marcolfa — Tenha uma boa lua-de-mel, meu senhor.

Perlimplín — Tchau, Marcolfa.

(Sai Marcolfa. Perlimplín, na ponta dos pés, vai até o quarto da frente, e olha através da porta.)

Perlimplín — Belisa, com tantas rendas, pareces uma onda, e me dás o mesmo medo que, quando menino, tive do mar. Desde que tu chegaste da igreja, minha casa está cheia de segredos, e a água se esquentava sozinha nos copos. Ai, Perlimplín... Onde estás, Perlimplín? (Sai na ponta dos pés.)

(Belisa aparece, vestida com um grande robe repleto de rendas. Um véu imenso cobre sua cabeça e se espalha, como uma cascata, até os pés. Seus cabelos estão soltos e os braços, nus.)

Belisa — A criada perfumou este quarto com tomilho, e não com menta, como eu pedi... (Caminha até a cama) Nem pôs na cama uma das finas roupas de linho...

(Neste momento, ouve-se um violão suave. Belisa cruza os braços sobre o peito.)

— Ai, quem me busque com ardor me encontrará. Minha sede não se apaga nunca, como nunca se apaga a sede das carrancas que despejam a água das fontes.

(Segue a música.)

— Ai, que música meu Deus! Que música! É como a pluma quente dos cisnes! Ai, sou eu ou é a música? (Joga sobre os ombros uma grande capa de veludo vermelho e passeia pelo espaço.)

(A música cessa e se escutam assobios.)

Belisa — São cinco!

(Perlimplín aparece.)

Perlimplín — Incomodo?

Belisa — Como poderias?

Perlimplín — Estás com sono?

Belisa — (Irônica) Sono?

Perlimplín — A noite esfriou um pouco. (Esfrega as mãos.)

(Pausa.)

Belisa — (Decidida) Perlimplín.

Perlimplín — (Tremendo) O que queres?

Belisa — (Distraída) É um nome bonito: Perlimplín.

Perlimplín — Mais bonito é o teu, Belisa.

Belisa — (Rindo) Ah, obrigada!

(Pausa curta.)

Perlimplín — Eu queria dizer uma coisa.

Belisa — E o que é?

Perlimplín — Eu demorei para me decidir... Mas...

Belisa — Fala.

Perlimplín — Belisa... Eu te amo!

Belisa — Oh, cavalheirinho!... Essa é tua obrigação.

Perlimplín — Sim?

Belisa — Sim.

Perlimplín — Mas por que sim?

Belisa — (Mimosa) Pois, porque sim.

Perlimplín — Não.

Belisa — Perlimplín!

Perlimplín — Não, Belisa; antes de me casar contigo, eu não te amava.

Belisa — (Brincalhona) O que dizes?

Perlimplín — Casei... porque tinha de me casar, mas não te amava. Eu não conseguia imaginar teu corpo até que o vi pelo buraco da fechadura enquanto te vestias de noiva. E foi então que eu senti o amor. Foi como um fundo corte de bisturi na minha garganta.

Belisa — (Intrigada) E as outras mulheres?

Perlimplín — Que mulheres?

Belisa — As que conheceste antes.

Perlimplín — Existem outras mulheres?

Belisa — (Levanta) Estás me assustando!

Perlimplín — O primeiro assustado sou eu.

(Pausa. Ouvem-se cinco assovios.)

O que é isso?

Belisa — É o relógio.

Perlimplín — São cinco horas?

Belisa — Hora de dormir.

Perlimplín — Permites que eu tire a casaca?

Belisa — Está bem, (bocejando) maridinho. E apaga a luz, por favor.

Perlimplín — (Apaga a luz. Em voz baixa) Belisa.

Belisa — (Em voz alta) O quê, meu filhinho?

Perlimplín — (Em voz baixa) Eu apaguei a luz.

Belisa — (Brincalhona) Eu percebi.

Perlimplín — (Com a voz muito mais baixa) Belisa...

Belisa — (Em voz alta) O que foi, coração?

Perlimplín — Te adoro!

(Ouvem-se cinco assobios mais fortes, e a cama é descoberta. Dois duendes, saindo pelos lados opostos do cenário, fecham uma cortina de tom acinzentado. O teatro fica na penumbra. Flautas tocam em doce tom de sonho. Devem ser duas crianças. Sentam-se na caixa de ponto, de frente para o público.)

Duende1 — E como vai o escurinho?

Duende2 — Nem bem nem mal, amiguinho.

Duende1 — Aqui estamos.

Duende2 — E o que estás achando disso? É sempre bonito encobrir as faltas alheias.

Duende1 — E que o público se encarregue de descobri-las depois.

Duende2 — Porque se as coisas não forem encobertas com todo tipo de precauções...

Duende1 — Nunca serão descobertas.

Duende2 — E sem este encobrir e descobrir...

Duende1 — O que seria dessas pobres pessoas?

Duende2 — (Olhando a cortina) Que não fique nem uma brechinha.

Duende1 — Pois as brechinhas de hoje são a escuridão de amanhã.

(Riem.)

Duende2 — Quando as coisas estão claras...

Duende1 — O homem não tem necessidade de descobri-las.

Duende2 — E vai às coisas turvas descobrir os segredos que já conhecia.

Duende1 — Mas é para isso que nós estamos aqui: os duendes!

Duende2 — Tu já conhecias o Perlimplín?

Duende1 — Desde pequeno.

Duende2 — E a Belisa?

Duende1 — Conheço bem. O quarto dela exalava um perfume tão intenso, que uma vez adormeci e, quando acordei, estava nas garras de seus gatos.

(Riem.)

Duende2 — Este assunto estava...

Duende1 — Claríssimo!

Duende2 — Todo mundo já imaginava.

Duende1 — E a fofoca escaparia por meios mais misteriosos.

Duende2 — Por isso, não vamos abrir ainda a nossa eficaz e bem-comportada cortininha.

Duende1 — Não, não vamos deixar que se deem conta.

Duende2 — A alma de Perlimplín, pequena e assustada como a de um patinho recém-nascido, se enriquece e sublima nesse instante.

(Riem.)

Duende1 — O público está impaciente.

Duende2 — Tens razão. Vamos?

Duende1 — Vamos. Já sinto um doce friozinho pelas minhas costas.

Duende2 — Cinco frias camélias da madrugada se abriram nas paredes da alcova.

Duende1 — Cinco sacadas sobre a cidade.

(Levantam-se e colocam grandes capuzes azuis.)

Duende2 — Dom Perlimplín, o que estamos fazendo, para ti, será bom ou ruim?

Duende1 — Será para o bem dele, pois não é justo expor aos olhos do público o infortúnio de uma boa pessoa.

Duende2 — É verdade, amiguinho, dizer que “vi” não é o mesmo que “me contaram”.

Duende1 — Amanhã, todos saberão.

Duende2 — É o que nós queremos.

Duende1 — Um comentário é um mundo.

Duende2 — Psit!

(Começam a tocar as flautas.)

Duende1 — Psit!

Duende2 — Vamos pelo escurinho?

Duende1 — Vamos sim, amiguinho.

Duende2 — Agora?

Duende1 — Agora.

(Abrem a cortina acinzentada. Perlimplín aparece na cama com grandes chifres dourados. Belisa está ao seu lado. As cinco sacadas do cenário estão completamente abertas; por elas, entra a luz branca da madrugada.)

Perlimplín — (Despertando) Belisa, Belisa, responde!

Belisa — (Fingindo que se acorda) Perlimplinzinho, o que queres?

Perlimplín — Responde logo!

Belisa — E o que eu devo responder? Adormeci bem antes de ti!

(Perlimplín pula para fora da cama, vestindo a casaca.)

Perlimplín — Por que as sacadas estão abertas?

Belisa — Porque esta noite ventou como nunca.

Perlimplín — Porque as varandas têm cinco escadas que chegam ao chão?

Belisa — Porque esse é um costume do país da minha mãe.

Perlimplín — E de quem são aqueles cinco chapéus que estão debaixo das varandas?

Belisa — (Pulando da cama) Dos bebedozinhos que vem e vão, Perlimplinzinho, meu amor!

(Perlimplín olha para ela e fica bobo.)

Perlimplín — Belisa! Belisa! E por que não? Tudo explicas bem. Estou de acordo. Por que não poderia ser assim?

Belisa — (Mimosa) Não sou mentirosinha.

Perlimplín — E eu, a cada minuto, te amo mais!

Belisa — É assim que eu gosto.

Perlimplín — Pela primeira vez na minha vida estou feliz! (Aproxima-se dela e a abraça, mas, bruscamente, se separa.) Belisa, quem te beijou? Não mintas, porque eu sei!

Belisa — (Segurando os cabelos e jogando-os para a frente) Eu sei que sabes! Que maridinho mais comediente esse meu! (Em voz baixa) Tu, tu me beijaste!

Perlimplín — Sim! Eu te beijei... mas... se tivesses beijado mais alguém... Tu me amas?

Belisa — (Levantando um braço nu) Sim, Perlimplín querido.

Perlimplín — Então... o que mais me importa? (Dirige-se a ela e a abraça) És a Belisa?

Belisa — (Mimosa e em voz baixa) Sim, sim, sim, sim!

Perlimplín — É quase um sonho!

Belisa — (Reagindo) Perlimplín, vamos fechar as sacadas; em seguida as pessoas vão acordar.

Perlimplín — Para quê? Como nós dois dormimos bastante, veremos o amanhecer... Não te agrada?

Belisa — Sim, mas... (Senta na cama.)

Perlimplín — Nunca tinha visto o raiar do sol...

(Belisa, rendida, cai sobre os travesseiros.)

— É um espetáculo que... parece mentira... me comove! Não gostas? (Vai em direção à cama.) Belisa... Estás dormindo?

Belisa — (Adormecida) Sim.

(Perlimplín, na ponta dos pés, cobre-a com uma manta vermelha. Uma luz intensa e dourada entra pelas sacadas. Cruza uma revoada de pássaros de papel em meio ao som dos sinos matinais. Perlimplín senta-se na beira da cama.)

Perlimplín —
Amor, amor
que está ferido.

Ferido de amor fugido;
ferido,
morto de amor.
Diga a todos que tem sido
o rouxinol.
Bisturi de quatro fios,
garganta aberta e olvido.
Pega a minha mão, amor,
porque estou muito ferido,
ferido de amor fugido,
ferido!
Morto de amor!

(Cortina.)

Quadro II

(Sala de jantar de Perlimplín. As perspectivas estão deliciosamente equivocadas. A mesa tem todos os objetos pintados como em uma cena primitiva.)

Perlimplín — Farás como eu te peço?

Marcolfa — (Chorando) Confie em mim, senhor.

Perlimplín — Marcolfa, por que segues chorando?

Marcolfa — Por causa do que o senhor já sabe. Na noite de núpcias, entraram cinco pessoas pelas sacadas. Cinco! Representantes das cinco raças da terra. O europeu, com sua barba; o índio, o negro, o oriental e o norte-americano. E o senhor nem percebeu.

Perlimplín — Isso não importa.

Marcolfa — E ontem, imagine o senhor, eu a vi com outro.

Perlimplín — (Intrigado) Como?

Marcolfa — E nem tentou se esconder.

Perlimplín — Mas eu sou feliz, Marcolfa.

Marcolfa — O senhor me assombra.

Perlimplín — Tu não fazes ideia de quão feliz eu sou. Aprendi muitas coisas, e, mais que tudo, posso imaginá-las.

Marcolfa — O senhor ama demais.

Perlimplín — Não tanto quanto ela merece.

Marcolfa — Basta!

Perlimplín — Vá embora.

(Marcolfa sai, e Perlimplín esconde-se em um canto. Belisa entra.)

Belisa — Tampouco consegui vê-lo. No meu passeio pela alameda, todos vieram atrás; menos ele. Deve ter a pele morena, e seus beijos devem perfumar e arder ao mesmo tempo, assim como o açafrão e o cravo. Às vezes, ele passa por baixo das minhas sacadas e acena de um jeito que me estremece o peito.

Perlimplín — Aham!

Belisa — (Voltando-se) Ai, que susto que me deste!

Perlimplín — (Aproximando-se, carinhoso) Vejo que falas sozinha.

Belisa — (Irritada) Me deixa!

Perlimplín — Queres passear?

Belisa — Não.

Perlimplín — Queres ir à confeitaria?

Belisa — Eu disse que não!

Perlimplín — Desculpa.

(Uma pedra, na qual está amarrada uma carta, cai na sacada. Perlimplín a recolhe.)

Belisa — Dá para mim!

Perlimplín — Por quê?

Belisa — Porque isso é para mim.

Perlimplín — (Brincalhão) Quem disse?

Belisa — Perlimplín, não leias isso!

Perlimplín — (Enfatizando o tom brincalhão) O que queres dizer?

Belisa — (Chorando) Dá essa carta para mim!

Perlimplín — (Aproximando-se) Pobre Belisa! Porque compreendo teu estado de ânimo, entrego esse papel que tanto imaginas ser para ti...

(Belisa pega o papel e o guarda no decote.)

— Eu me dou conta das coisas. E, mesmo que me isso me magoe profundamente, percebo que vives um drama.

Belisa — (Terna) Ai, Perlimplín!

Perlimplín — Sei que és fiel a mim e que continuarás sendo.

Belisa — (Brincalhona) Não conheci homem algum além do meu Perlimplinzinho.

Perlimplín — Por isso, quero ajudar, como deve fazer todo bom marido quando sua esposa é um poço de virtude.... Olha...(fecha a porta e assume um ar de mistério) eu sei de tudo!... Logo percebi: tu és jovem, e eu sou velho... o que podemos fazer? Mas compreendo perfeitamente. (Pausa. Em voz baixa.) Ele já passou por aqui hoje?

Belisa — Duas vezes.

Perlimplín — E te fez algum gesto?

Belisa — Sim, mas de um jeito um pouco depreciativo... e isso me dói!

Perlimplín — Não tenhas medo. Faz uns quinze dias que vi esse jovem pela primeira vez. Posso dizer, com toda sinceridade, que a beleza dele me deslumbrou. Jamais havia visto um

homem no qual o lado varonil e o delicado fossem tão harmônicos. Sem saber o motivo, pensei em ti.

Belisa — Não consegui ver o rosto dele, mas...

Perlimplín — Não temas contar-me tudo... eu sei que tu o amas... Eu, agora, amo-te como se fosse teu pai... já estou longe dessas bobagens...

Belisa — Ele me escreve cartas.

Perlimplín — Eu já sabia.

Belisa — Mas não mostra o rosto.

Perlimplín — Que peculiar.

Belisa — E até parece que... me despreza!

Perlimplín — Quanta inocência...

Belisa — Mas não há dúvidas de ele que me ama como eu desejo ser amada...

Perlimplín — (Intrigado) Como?

Belisa — As cartas dos outros homens que recebi... e que não respondi, porque tinha meu maridinho... falavam de lugares ideais, de sonhos e de corações partidos... mas essas cartas dele...

Perlimplín — Não tenhas medo de me contar.

Belisa — Falam de mim... do meu corpo...

Perlimplín — (Acariciando os cabelos dela) Do teu corpo!

Belisa — Para que quero tua alma? — ele me diz. — A alma é patrimônio dos fracos, dos heróis vencidos e das gentes doentias. As belas almas estão nas fronteiras da morte, reclinadas sobre cabelos branquíssimos e mãos macilentas. Belisa, não é a tua alma o que desejo, senão teu branco e mórbido corpo estremecido!

Perlimplín — Quem será esse belo jovem?

Belisa — Ninguém sabe.

Perlimplín — (Inquisitivo) Ninguém?

Belisa — Já perguntei a todas as minhas amigas.

Perlimplín — (Misterioso e decidido) E se eu te disser que o conheço?

Belisa — Será possível?

Perlimplín — Espera. (Vai até a sacada) Ele está aqui.

Belisa — (Correndo) Sim?

Perlimplín — Acaba de dobrar a esquina.

Belisa — (Ofegante) Ai!

Perlimplín — Como sou velho, quero sacrificar-me por ti... Isto que eu faço ninguém jamais o fez. Mas eu já estou fora desse mundo e da moral ridícula das pessoas. Adeus!

Belisa — Aonde vais?

Perlimplín — (Altivo, da porta) Mais tarde saberás de tudo! Mais tarde!

(Cortina.)

Quadro III

(Jardim de ciprestes e laranjeiras. Ao levantar a cortina, aparecem Perlimplín e Marcolfa no jardim.)

Marcolfa — Já está na hora?

Perlimplín — Não, ainda não.

Marcolfa — Mas no que pensou o meu senhor?

Perlimplín — Em tudo o que tinha pensado antes.

Marcolfa — (Chorando) A culpa é minha!

Perlimplín — Ah, se visses o quanto meu coração é grato a ti!

Marcolfa — Antes estava tudo bem. Pelas manhãs, eu levava o café com leite e as uvas...

Perlimplín — Sim... as uvas! As uvas! Mas... e eu? Parece que já se passaram cem anos. Antes, eu nem sequer imaginava que houvesse no mundo tantas coisas extraordinárias. Eu ficava de fora. Mas agora... O amor de Belisa me deu um tesouro precioso que eu desconhecia... Vês? Agora fecho os olhos e vejo o que quero... por exemplo... a minha mãe, quando as fadas da vizinhança a visitaram... Ah! Tu sabes como as fadas são... pequenininhas... É incrível, elas podem dançar no meu dedo mindinho!

Marcolfa — Sim, sim, as fadas, as fadas. Mas e o outro?

Perlimplín — O outro! Ah... (com satisfação) o que disseste à minha mulher?

Marcolfa — Ainda que eu não sirva para essas coisas, eu disse o que o senhor mandou... que esse jovem... viria ao jardim esta noite às dez em ponto usando, como sempre, sua capa vermelha.

Perlimplín — E ela?

Marcolfa — Ela ficou acesa como um gerânio; colocou as mãos no coração e ficou beijando suas lindas tranças de cabelo.

Perlimplín — (Entusiasmado) Como assim que ela ficou acesa como um gerânio? O que ela disse?

Marcolfa — Suspirou apenas. Mas de um jeito...

Perlimplín — Oh, sim... Como nenhuma mulher suspirou antes, não é?

Marcolfa — Seu amor deve beirar a loucura.

Perlimplín — (Vibrante) Isso mesmo! Eu preciso que ela ame esse jovem mais que o seu próprio corpo. E não tenho dúvidas que ela o ama.

Marcolfa — (Chorando) Tenho medo de ouvi-lo... Mas como é possível, dom Perlimplín? Como é possível que o senhor fomite, em sua mulher, o pior dos pecados?

Perlimplín — Porque dom Perlimplín não tem honra e quer se divertir. Tu vais ver! Esta noite virá o novo e desconhecido amante da minha Belisa. E o que hei de fazer senão cantar?

(Cantando.)

Dom Perlimplín não tem honra!
Não tem honra!

Marcolfa — Saiba, meu senhor, que a partir deste momento me considero despedida de meus serviços. Nós, as criadas, também temos vergonha.

Perlimplín — Oh, pobre Marcolfa! Amanhã estarás livre como um pássaro.... Aguarda até amanhã... Agora, sai e cumpre com tuas obrigações... Farás o que te disse?

Marcolfa — (Saindo e enxugando as lágrimas) Que escolha eu tenho?

Perlimplín — Bom, é assim que eu gosto!

(Começa a tocar uma doce serenata. Perlimplín se esconde atrás de umas roseiras.)

Vozes —

Pelas margens do rio,
a noite se está molhando.
Nos seios de Belisa
morrem de amor os ramos.⁵⁴

Perlimplín — Morrem de amor os ramos!

Vozes —

A noite canta desnuda
sobre as pontes de março.
Belisa lava seu corpo
em água salobra e nardo.

Perlimplín — Morrem de amor os ramos!

Vozes —

A noite de anis e prata

⁵⁴ N. das T. Uma versão de *Canción de Belisa*, interpretada por Germaine Montero, está disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=un5NJ1np_Sk> Acesso em: 15 jan. 2018.

relumbra pelos telhados.
Prata de arroios e espelhos
e anis de sua pele branca.

Perlimplín — Morrem de amor os ramos!

(Surge Belisa no jardim vestida esplendorosamente. A lua ilumina a cena.)

Belisa — Que vozes enchem de harmonia o ar de um só pedaço da noite? Senti teu calor e teu peso, delicioso jovem de minh'alma... Oh! Os galhos se estão mexendo...

(Surge um homem envolto em uma capa vermelha e cruza o jardim com cuidado.)

Belisa — Psiu... Estou aqui! Aqui!

(O homem indica com a mão que retornará em seguida.)

Ai, sim... volta, meu amor! Jasmim-da-noite flutuante e sem raízes... o céu cairá sobre as minhas costas suadas... Noite, noite minha, de menta e lápis-lazúli...

(Surge Perlimplín.)

Perlimplín — (Surpreso) O que fazes aqui?

Belisa — Passeava.

Perlimplín — Nada mais?

Belisa — Desfrutava a noite clara.

Perlimplín — (Enérgico) O que estás fazendo aqui?

Belisa — (Surpresa) Não sabias?

Perlimplín — Eu não sei de nada.

Belisa — Tu enviaste o recado.

Perlimplín — (Concupiscente) Belisa, tu ainda esperas por ele?

Belisa — Com mais ardor do que nunca!

Perlimplín — (Forte) Por quê?

Belisa — Porque eu o amo.

Perlimplín — Então virá.

Belisa — O cheiro da sua carne perpassa através da sua roupa. Eu sofro de desejo, Perlimplín! Parece que sou outra mulher!

Perlimplín — Esse é meu triunfo.

Belisa — Que triunfo?

Perlimplín — O triunfo da minha imaginação.

Belisa — É verdade que me ajudaste a amá-lo!

Perlimplín — Como agora te ajudarei a chorar por ele.

Belisa — (Desconfiada) Perlimplín, o que é isso?

(O relógio bate as dez. O rouxinol canta.)

Perlimplín — Está na hora!

Belisa — Deve chegar a qualquer momento.

Perlimplín — Pula o muro do meu jardim.

Belisa — Envolto em sua capa vermelha.

Perlimplín — (Sacando um punhal) Vermelha como o seu sangue.

Belisa — (Dominando-o) O que vais fazer?

Perlimplín — (Abraçando-a) Belisa, tu o amas?

Belisa — (Com força) Sim!

Perlimplín — Pois se tu o amas tanto, eu não quero que ele te abandone. E para que ele seja todo teu, o melhor a se fazer é cravar este punhal no seu coração galante. Gostaste?

Belisa — Por Deus, Perlimplín!

Perlimplín — Morto, poderás acariciá-lo para sempre em tua cama, tão lindo e aposto, sem que te aflija o temor de que ele deixe de amar-te. Ele te amará com o amor infinito dos defuntos, e eu estarei livre desse sombrio pesadelo do teu corpo grandioso... (Abraçando-a) Teu corpo... que eu nunca poderia decifrar! (Olhando o jardim) Olha, lá vem ele! Solta, Belisa, me solta! (Sai correndo.)

Belisa — (Desesperada) Marcolfa, me dá a espada da sala de jantar! Vou atravessá-la na garganta do meu marido...

Vozes —

Dom Perlimplín,
marido ruim!
Se tu o matares,
eu mato a ti.

(Surge entre os ramos um homem vestindo uma capa vermelha grande e luxuosa. Chega ferido e vacilante.)

Amor! Quem te feriu no peito?

(O homem esconde o rosto com a capa. Esta deve ser grande o suficiente para cobri-lo até os pés. Ele abraça Belisa.)

Quem abriu tuas veias para que enchesse de sangue o meu jardim? Amor, deixa que veja teu rosto ao menos por um instante... Ai... Quem te matou? Quem?

Perlimplín — (Descobrimo-se) Teu marido acaba de me matar com este punhal de esmeraldas. (Mostra o punhal cravado no peito.)

Belisa — (Espantada) Perlimplín!

Perlimplín — Ele saiu correndo pelo campo e tu não o verás nunca mais. Ele me matou porque sabia que eu te amava como ninguém... Enquanto me feria, ele gritou “Belisa já tem uma alma!”. Chega mais perto. (Está deitado no banco.)

Belisa — Mas o que é isso? Estás ferido de verdade.

Perlimplín — Perlimplín me matou... Ah, dom Perlimplín! Velho safado, fantoche sem força, tu eras incapaz de gozar o corpo de Belisa! O corpo de Belisa era para músculos jovens e lábios de brasa... Eu, no entanto, desejava teu corpo e nada mais... O teu corpo! Mas ele me matou com este ramo ardente de pedras preciosas.

Belisa — O que fizeste?

Perlimplín — (Moribundo) Compreendes? Eu sou minha alma e tu és teu corpo... Deixa que, neste último instante, já que tanto me amaste, eu possa morrer abraçado a ele.

(Belisa, seminua, aproxima-se dele e o abraça.)

Belisa — Sim, mas... e o jovem? Por que me enganaste?

Perlimplín — O jovem... (fecha os olhos.)

(A cena adquire uma luz mágica. Entra Marcolfa.)

Marcolfa — Senhora!

Belisa — (Chorando) Dom Perlimplín está morto!

Marcolfa — Eu já sabia! Agora, do rubro traje juvenil com que passeava sob essas varandas, faremos a sua mortalha.

Belisa — (Chorando) Nunca pensei que fosse tão difícil!

Marcolfa — Tarde demais para dar-se conta. Farei a ele uma coroa de flores como um sol do meio-dia.

(Belisa, perdida, como se estivesse em outro mundo.)

Belisa — Perlimplín, o que fizeste, Perlimplín?

Marcolfa — Belisa, és agora outra mulher; estás vestida com o sangue glorioso do meu senhor.

Belisa — Mas quem era este homem? Quem era ele?

Marcolfa — Um adolescente encantador cuja face não verás jamais.

Belisa — Sim, sim, Marcolfa, eu o amo, eu o amo com todas as forças da minha carne e da minha alma. Mas onde está o jovem da capa vermelha? Meu Deus, onde ele está?

Marcolfa — Dom Perlimplín, durma tranquilo... Está ouvindo? Dom Perlimplín, está ouvindo?

(Tocam os sinos.)

(Cortina.)

Fim do Amor de Dom Perlimplín com Belisa em seu jardim.

Referências (do prólogo):

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 242p.

GARCÍA LORCA, Federico. *Obra poética completa* (edição bilíngue). Tradução de William Angel de Mello. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 739p.

